



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: CLÁUDIA BUSATO
ÁREA: ANÁLISE DE DISCURSO

Narrativas no Correio

Análise do caso Isabela Tainara

Mônica Harada
RA: 20412880

Brasília, Outubro de 2007

Mônica Harada

Narrativas no Correio

Análise do caso Isabela Tainara

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. mestra em comunicação e cultura contemporânea.
Cláudia Busato

Brasília, Outubro de 2007

Mônica Harada

Narrativas no Correio

Análise do caso Isabela Tainara

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Cláudia Busato
Orientadora

Prof. Severino Francisco
Examinador

Prof. Paulo Paniago
Examinador

Brasília, Outubro de 2007

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais pela orientação ética e moral recebida. Ao meu namorado que me ajudou sempre que precisei. E um agradecimento especial para todos os meus professores, amigos de faculdade e companheiros do trabalho que me ajudaram na elaboração deste último passo da graduação.

Muito obrigada.

“A dor da gente não sai no jornal”,
da música Notícia de Jornal de Chico Buarque

RESUMO

A mídia é um dos principais elos entre o homem e os acontecimentos. O caso Isabela Tainara teve sua trágica história documentada em mais de 90 publicações no *Correio Braziliense*. E por meio da mídia, Brasília acompanhou o caso da estudante de 14 anos que foi cruelmente assassinada. A imagem de Isabela foi veiculada pelo jornal a todos os leitores pela empresa *Correio Braziliense*. As notícias não eram apenas informações, eram produtos feitos para os consumidores do jornal. Nada é publicado de forma inocente. O discurso do jornal foi transmitido por meio das reportagens em cada escolha de título, assunto abordado buscando atingir e envolver não somente leitores em geral, sociedade, mas principalmente quem o compra, o público leitor do *Correio Braziliense*.

Palavras-chave: Violência, Narrativa, Isabela Tainara, Valores/notícia e *Correio Braziliense*

Sumário

Introdução.....	8
1 As “estórias” da mídia.....	10
1.1 Narratologia	10
1.2 Valores-notícia	14
1.3 A hipótese da agenda setting.....	18
1.4 Valores do narrador em jogo.....	19
1.5 Valores editoriais.....	21
2 Violência	23
2.1 “Sede de justiça”	26
2.2 Imagens da violência na cobertura jornalística	27
3 Nas entrelinhas do discurso	29
3.1 Análise de Discurso	29
4 Caso Isabela Tainara.....	34
4.1 Narração dos fatos: identificando aspectos da narratologia na cobertura jornalística.....	36
4.2 O gosto pela tragédia.....	39
4.3 Valores que tornaram o caso “a” notícia.	40
4.4 Decisões editoriais	42
4.5 Notícia como mercadoria	44
5 Conclusões e Recomendações	45
6 Referências	47
Anexos.....	Erro! Indicador não definido.

Introdução

O caso Isabela Tainara foi mais uma das barbáries ocorridas com jovens moradoras de bairros nobres de Brasília com ampla divulgação pelo *Correio Braziliense*. O drama da família Faria tornou-se público, comoveu e mobilizou empresas, meios de comunicação e principalmente a redação do *Correio Braziliense* que não mediu esforços para divulgar o caso da estudante que desapareceu no dia 14 de maio e só foi encontrada morta no dia 28 de junho de 2007. Meu interesse pela cobertura dos casos narrados pelo veículo surgiu ao longo do curso de jornalismo ao estudar a importância da notícia na sociedade e durante o contato direto com as fontes da informação na redação do jornal.

Por que as notícias são como são? Foi o primeiro questionamento e ponto de início para a construção do estudo. O meu questionamento diário ao ler sobre o assassinato era, por que Isabela Tainara estava todos os dias nas páginas do caderno de cidades? A quem interessava tanto aquela informação e qual a importância pública do fato? Respostas que podem ser encontradas nos bastidores da notícia, nos valores/notícia e critérios de noticiabilidade empregados para selecionar o que é notícia do que não é.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar todas as informações que a notícia traz. O discurso do jornal, interesses e valores transmitidos nas entrelinhas das matérias. Como um assunto vai parar nas páginas de jornal e outro não, ou mesmo por que um caso recebe mais destaque do que outro? Todas essas respostas são respondidas pelos critérios de seleção da notícia do veículo segundo sua missão e o público leitor. E por meio da análise de discurso fundamentada na teoria da autora Eni P. Orlandi as intenções do jornal ficam mais claras nas publicações.

A escolha por uma narrativa jornalística para abordar o assunto foi outro aspecto que me chamou atenção e despertou interesse. Uma forma diferente de dar as notícias e mantê-las com vida por mais de três meses consecutivos. A narratologia, segundo Luiz Gonzaga Motta (2005) foi empregada como uma estratégia textual do veículo para se aproximar de seu público leitor. A mesma linguagem utilizada pela televisão em novelas e mini séries, só que adaptada para um caso real na mídia impressa.

Um dos objetivos foi descobrir quais eram os critérios de seleção da notícia do *Correio Braziliense* para assim entender um pouco mais do mecanismo de construção da informação que influencia na visão de “realidade” do receptor. É de suma importância para todos os jornalistas saber o que é notícia de interesse público dentro de uma empresa com missões e objetivos mercadológicos.

Segundo as hipóteses do *newsmaking* e da *agenda setting*, a mídia nos diz “o que” e “como” pensar nos acontecimentos. Assim, os meios de comunicação introduzem diariamente vários assuntos que vão para discussão pública. As reportagens interferem no modo de ver e perceber a “realidade social”. O efeito das notícias nos receptores é um dos pontos para futuras pesquisas, já que essa se encarregou em pesquisar sua construção.

O estudo ganha vida com as entrevistas, as que foram realizadas, com Samanta Sallum falando oficialmente em nome do jornal e também pelas conversas que não puderam ser feitas com os jornalistas diretamente por questões regimentais da empresa. Com a Análise feita por uma das “fontes” da informação fundamentais na cobertura do caso, Israel Faria, o irmão de Isabela Tainara, foi possível perceber a importância que o perfil da vítima teve na seleção do fato.

As publicações do caso Isabela, pesquisa documental dos arquivos do *Correio Braziliense* me permitiram analisar a narratologia aplicada em cada título e *layout* escolhido pela editoria no jornal. A pesquisa bibliográfica fundamentou o interesse do público por casos excepcionais e violentos e a revelar o discurso do veículo impregnado nas entrelinhas das matérias. Aos poucos o jornalismo foi se revelando mais uma parte do sistema capitalista, uma empresa que vende informações aos seus consumidores - os leitores do veículo. As redações, o principal ambiente jornalístico, berço das informações, é o local onde pulsa o coração das “estórias”.

1 As “estórias” da mídia

1.1 Narratologia

Narrar é próprio do homem e as estórias que contamos constituem a nossa história de vida. Luiz Gonzaga Motta (2005) descreve no livro *Narratologia* que nossa vida é feita de uma teia de narrativas na qual estamos enredados. O que lembramos dos acontecimentos e de nós mesmos são os fatos narrados, contados por alguém ou pela mídia que nos contou as várias estórias.

Quantos fatos por ano o telespectador presencia ou tem a oportunidade de relatar pessoalmente? Com essa reflexão conclui-se que grande parte das informações chega ao público por intermédio dos meios de comunicação; livros, revistas, rádio, internet, jornais e telejornais de todos os dias. A mídia também conta estórias e assim constrói a história. Os jornalistas são narradores natos de estórias reais. Ele presencia, registra e relata o que viu ou sabe para o público, é o ponto de mediação entre informação e leitor que confia em seu relato. Para verificar as informações, é preciso pensar o processo de descrição dos acontecimentos desde o início, na seleção da notícia.

No campo profissional, alguns critérios são adotados para essa seleção, os chamados valores/notícia do jornalismo. Além disso, a construção da notícia envolve outros fatores que interferem no produto final.

Para Luiz Gonzaga Motta (2005, p.20):

Personagem fundamental da narrativa é o narrador, que antes de tudo, observa, interpreta segundo seus valores e re-significa o acontecimento segundo sua ótica, ou a ótica editorial do meio de comunicação. [...] não apenas construímos o mundo ao descrevê-lo, mas antes mesmo, construímos o mundo ao observá-lo, ao percebê-lo.

A intenção da pesquisa não é afirmar que o jornalismo é fictício e não-jornalístico. Pelo contrário, o objetivo é analisar a forma com que o recurso da narrativa é utilizado para contar jornalisticamente os fatos reais, como aconteceu no caso da morte da estudante de 14 anos. Elizabeth Bird e Robert W. Darnenne (1988 apud TRAQUINA

1999, p.271) descrevem os dispositivos narrativos utilizados na redação de notícias como forma de organizar a informação de uma maneira clara e efetiva. Para eles, o ‘contar histórias’ é uma tendência reservada para os acontecimentos considerados positivos ou de interesse humano.

O jornalismo utiliza a narrativa fática no relato dos acontecimentos, diferente da narrativa empregada na ficção e nos contos de fadas. Os profissionais da comunicação lidam com o acontecimento como gancho para reportagens, fatos reais e não frutos da imaginação. Em *Narratologia*, o autor esmiúça a narrativa jornalística e entende que “ela é construída com base no fato real, mas busca preservar a objetividade do relato para dar a idéia de que os fatos falam por si mesmos”. (MOTTA. 2005)

Este capítulo aborda a narrativa utilizada pelo *Correio Braziliense* no caso Isabela Tainara como uma estratégia textual. Por estratégia entende-se o emprego dos recursos da linguagem para transmitir o assunto de acordo com os objetivos que se pretende alcançar, a atenção do leitor, no caso. Com a concorrência de meios mais dinâmicos e imediatos como internet, rádio e TV, o jornal impresso busca uma análise mais aprofundada dos acontecimentos e algumas vezes explora esse recurso analítico para conquistar o leitor que quer ter mais detalhes dos fatos. Os vários recursos na forma em que os textos jornalísticos do caso Isabela Tainara foram apresentados ao público leitor tem características de narrativa, um recurso literário utilizado em contos de fadas e fábulas.

A associação de dois gêneros da escrita, a narração e a escrita fática do jornalismo tem por finalidade intenções e estratégias comunicativas para envolver o leitor com a aproximação desse com o drama da personagem (Isabela Tainara e família), com a expectativa que se cria para os próximos capítulos (achar um culpado), e desenrolar os fatos da história, o que realmente aconteceu. Todos esses fatores constituem uma história da vida real em que o veículo relata por meio das notícias. O jornal conta sua versão e constrói o perfil dos personagens para o público leitor a fim de envolvê-los no drama familiar. A emoção também é um elemento marcante na narrativa, principalmente em casos de violência.

Segundo Elihu Katz:

O acontecimento mediático fornece um centro de interesses na expressão da emoção. Fornece um centro de interesses na dor [...]. Fornece um centro de interesses na euforia, ou na expressão do maravilhoso, como aquando da alunagem, ou de lealdade, como numa competição. A emocionalidade dos acontecimentos mediáticos é provavelmente o seu eleito principal. (KATZ *Apud* TRAQUINA 1999, p.59)

Os fatos contados em capítulos, com uma sequência lógica e contínua sobre um mesmo tema são base da composição de uma narrativa. A primeira interferência na representação do acontecimento está na escolha pela narrativa. O caso Isabela Tainara poderia ter sido transmitido ao público com a linguagem de uma cobertura fática dos acontecimentos momentâneos, como acontece em editorias de economia e política, por exemplo. Mas segundo Robert Karl Manoff (1986 *apud* TRAQUINA 1999, p. 169) a escolha da narrativa feita pelo jornalista não é inteiramente livre. O jornalista é orientado a fazer essa escolha pela aparência que a realidade assume, pelas convenções que moldam a sua percepção dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas.

“A sequência de notícias sobre um mesmo tema publicado durante dias, semanas ou meses seguidos, podem ser compostos pela narratologia literária” (MOTTA, 2005). Descrição que se encaixa perfeitamente às características da cobertura da morte de Isabela Tainara, que ganhou meses de publicação no caderno de cidades do *Correio Braziliense*.

De acordo com Luiz Gonzaga Motta:

Narrar é uma técnica de enunciação dramática da realidade de modo a envolver o ouvinte na história narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo persuasivo de linguagem. Narrar é uma atitude, quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração. (MOTTA, 2005. p.9)

Há uma grande diferença da narrativa jornalística para a narrativa de contos de

fadas, o conto místico. O conto jornalístico é produto não-ficcional, vêm de fatos verídicos, acontecimentos na realidade social que mexem com a vida das pessoas reais e outra não tem personagens correspondentes na vida real, são inventados. Por isso, não deve haver dúvidas quanto ao relato fiel dos fatos, nem acusações contra o trabalho dos profissionais da comunicação. A narrativa é um recurso utilizado para manter a notícia viva por certo tempo, uma forma de sensacionalismo mascarado, esticar até o último fio para encaixar os fatos que ainda não tinham entrado na história.

Luiz Gonzaga Motta (2005) prefere a expressão teoria da narração à teoria da narrativa. Segundo ele, a narrativa é o estudo da mensagem em si, do conteúdo e não da forma. Já a narração é um estudo do fenômeno e não da estrutura. É o todo e a forma com que o assunto foi abordado.

O plano da narração que mais se assemelha ao jornalístico é o plano histórico, onde a realidade é evocada pelo texto narrativo através de uma seqüência de ações temporais e causais desempenhadas por personagens da trama. No plano ficcional dos contos de fadas, os personagens não têm representações reais, pessoas que correspondam aos personagens da estória. Neste ponto está uma das diferenças entre a narração no plano ficcional e histórico onde o último é semelhante à linguagem jornalística por ser fiel aos fatos reais sem invenções. A relação entre história e jornalismo é fundamental para dar sentido e vida à narração. São conexões históricas que buscam outras publicações com conflitos semelhantes para impulsionar o caso nas páginas de jornal, acendem o interesse dos leitores e mantêm as dúvidas e tensões do discurso.

Segundo Costa, Motta e Lima (2004) na narrativa os eventos são apresentados de forma encadeada de modo a fomentar a curiosidade do leitor. Vários recursos são utilizados para que este objetivo seja alcançado. Na possibilidade do caso se estender, a cobertura tende a se tornar uma narrativa para que o público acompanhe cada episódio, mesmo sem novidades relevantes para o desfecho. Por não ter que ser fiel aos fatos cronologicamente a narrativa cria um novo tempo, o da narração, em que fatos são lembrados e relembrados para dar fio à “estória”. A seqüência de contos, que se tornou a cobertura do caso Isabela Tainara, gerou a separação dos papéis entre os

amigos, familiares e investigadores.

Pode-se dizer que o jornalista é o historiador natural da atualidade. São por meio das páginas de jornal que a informação chega ao leitor. Os jornalistas são os que escrevem os fatos que ganharão livros sobre a história do país. Walter Lippman (1922, apud TRAQUINA 2005, p.15) “defende que os *media* são a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens que as pessoas têm na cabeça acerca desses acontecimentos”. Os jornalistas resistem ao fato de que suas reportagens não sejam simplesmente um relato, mas uma construção, que pode ser feita de diversas maneiras e assim significar as coisas de modos diferentes. Explicação que de certa forma, atinge conceitos profissionais de objetividade, imparcialidade e neutralidade.

As informações são transmitidas a partir de uma estória contada pelo jornalista, para o leitor entender. O repórter observou, apurou e investigou o acontecido, a partir daí ele constrói os fatos, conecta dados e conta o que aconteceu.

Bird e Dardenne (1993 apud TRAQUINA 2005, p.18) defendem que “considerar as notícias como narrativas não nega valor de as considerar como correspondentes da realidade exterior”, ou seja, a narrativa é somente uma estratégia textual utilizada para atingir e envolver o público alvo com maior eficiência e não deixa de ser um texto jornalístico, fiel aos acontecimentos.

1.2 Valores-notícia

Segundo Nelson Traquina (2005, p.63) “os valores-notícia são compartilhados pela tribo jornalística e podem ser definidos como sendo um conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão para um fato merecer um tratamento jornalístico”, isto é, de possuir valor como notícia. E de acordo com estes critérios é que se torna possível entender os mecanismos da construção da notícia e o que faz um acontecimento ganhar esse *status*, como o caso estudado ganhou. A produção jornalística envolve construção de uma realidade social que começa a ser moldada desde a escolha do assunto e destaque que este vai receber nas páginas do jornal.

Luiz Gonzaga Motta (2002, p. 307), em seu artigo do livro *O Jornal*, questiona os critérios de seleção da notícia. “Todos os dias, ocorrem no mundo milhares de eventos. Porque alguns deles são pinçados pela mídia e se transformam em notícia enquanto outros permanecem ignorados? O que um fato precisa ter para ser escolhido e ganhar as páginas da imprensa ou as telas da TV?”

Esse trecho do livro, *O jornal - da forma ao sentido*, ilustra que nenhum assunto recebe atenção na mídia aleatoriamente ou indiscriminadamente. Há uma lógica editorial por trás das publicações que moldam e formam a estrutura da notícia, os “valores-notícia”. O *Newsmaking* ou os valores/notícia são critérios de noticiabilidade.

De acordo com Mauro Wolf, os valores/notícia são:

Definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias, podemos definir os valores/notícia (*news values*) como uma componente da noticiabilidade. Esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia? (WOLF, 1999, p.195)

Os primeiros estudiosos a tentar responder a pergunta de Wolf foram Galtung e Ruge (1993 apud TRAQUINA 2005, p.69). O estudo deles aponta 12 valores/notícia, fatores que influenciam o fluxo de notícias, são eles:

- 1) a frequência ou a duração do acontecimento. Quanto mais vezes acontecer, mais notícias o fato terá cobertura da mídia.
- 2) a amplitude do evento; a clássica pergunta: quantas pessoas foram envolvidas? A famosa pergunta, “quantos mortos” define se um acidente merece destaque. Quantas vidas envolvem.
- 3) a clareza ou falta de ambigüidade; quanto menos duplos sentidos, mais fácil o fato será notado. Clareza é uma das principais qualidades que um texto jornalístico deve ter. O receptor tem que entender perfeitamente a mensagem e não imaginar possíveis interpretações do autor.

- 4) a significância; que pode ser interpretada como relevância do acontecimento, impacto para o leitor ou significância por proximidade, acontecimento perto do leitor.
- 5) a consonância; interpretada pelos autores como a recorrência de um fato semelhante a outro passado. Uma mera lembrança de um caso remete à relação entre o novo e o velho acontecimento.
- 6) o inesperado; é o que causa ruptura da rotina, incomoda e pega as pessoas de surpresa, surpreende. O que é esperado está programado para acontecer e não há muita expectativa para estes fatos.
- 7) a continuidade: consiste em manter um assunto que já foi definido como notícia. É a continuação como notícia de algo que já ganhou noticiabilidade.
- 8) a composição: que é a seleção de assuntos diferente para dar equilíbrio no noticiário. Escolha de diferentes assuntos para não dar só um deles.
- 9) a referência a nações de elite; o próprio nome elite já os distingue dos demais e por isso, por pertencerem a uma classe privilegiada socialmente, são também um dos critérios para virar notícia.
- 10) a proeminência; a referência a pessoas de elite recebem destaque pelo mesmo motivo da critério acima descrito, por serem de elite, minoria favorecida.
- 11) a personalização; quando a notícia faz referência às pessoas envolvidas. O personagem é a causa e motivo dos acontecimentos.
- 12) a negatividade; *“Bad news is a good news”*. Para esse critério, Galtung e Ruge (1993 apud TRAQUINA 2005, p.72) consideram outros valores dentro do valor da negatividade. Por exemplo: a frequência com que as mortes e acidentes acontecem a todo o momento tornam a negatividade mais noticiável. Os fatos negativos também são inesperados, outro valor/notícia, diferente dos acontecimentos positivos, dos quais se tem um planejamento.

A partir dos 12 critérios de noticiabilidade apontados por Galtung e Ruge (1993 apud TRAQUINA 2005, p.70) é possível entender, em partes, o porquê da repercussão

do caso Isabela Tainara no *Correio Braziliense*. Embora haja alguma diferença entre interpretações dos valores/notícias, os critérios apresentados satisfazem os questionamentos do caso estudado.

Os valores-notícia não ficam expostos nem explícitos nas reportagens. Somente em uma análise do enredo e de casos semelhantes no veículo, é possível notar a presença de outros fatores além dos critérios de noticiabilidade citados, como a linha editorial que influencia nas publicações. Porque um caso como o de Isabela mereceu destaque por tanto tempo é a principal questão do estudo. Que o fato tem característica para ser notícia é certo, segundo os valores-notícia, porém o fato ganha enredo, capítulos e repercute no veículo por meses. O que antes eram notícias dispersas, dada pela relevância e proximidade, virou mais do que a cobertura do fato e ganhou um enredo. As reportagens começam a ser ligadas por um fio que conecta as partes das investigações. São dúvidas, angústias pessoais da família que formam um enredo subentendido e ganha ares de novela contada em capítulos e episódios. Um drama familiar que mobilizou leitores, empresários, veículos de comunicação e famílias de Brasília.

Os estudiosos Galtung e Ruge (1993 apud TRAQUINA 2005, p.73) destacam também que um acontecimento será tanto mais noticiável quanto maior o número de valores possuir, embora não seja uma regra absoluta. Mas que parece explicar o caso Isabela Tainara como notícia duradoura. O caso envolve vários valores-notícia juntos.

“O inesperado pode ser bom ou mal. No entanto, os acontecimentos inesperados com aspectos negativos parecem ter mais valor-notícia. As más notícias são boas para o discurso noticioso” de acordo com Ericson, Baranek e Chan (1987 apud TRAQUINA 2005, p. 75). O gosto pela tragédia vem Pelo fator inesperado, pelo que surpreende e quebra a rotina. Um ato de violência acontecer próximo ao público põe em dúvida a questão da segurança pública e desperta o imaginário dos moradores do local que se imaginam no mesmo lugar. E se fosse eu?

Segundo Traquina (2005) entre os acontecimentos negativos, a morte é o valor fundamental para os jornalistas. Onde há morte, há jornalistas. Por isso o negativismo do mundo jornalístico. Mas para uma morte receber status de notícia entram outros

valores além dos valores de noticiabilidade, valores mais subjetivos que envolvem os produtores da notícia. Os valores-notícia estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística. Do processo de seleção dos acontecimentos e no processo de elaboração da notícia, em toda a construção.

1.3 A hipótese da *agenda setting*

A hipótese defende que o interesse público pode ser despertado não pelo fato em si, mas pelas publicações e pela carga emocional empregada na cobertura. Por isso o uso da narração estratégia textual. É uma forma de envolver e inserir aspectos emocionais com frequência no texto envolvendo também o leitor.

Para Shaw (1979: 96 apud WOLF 1999, p.144):

Em consequência da acção dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflecte de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas.

O caso Isabela Tainara isolado não representa a violência no Distrito Federal, é apenas um retrato dos casos de violência que acontecem com pessoas da classe alta de Brasília. Mas ao ganhar noticiabilidade por tanto tempo, passa a significar para a sociedade na medida em que a mídia, mediadora do debate público, divulga e repercute o acontecimento exaustivamente.

Segundo a hipótese da *agenda setting* ou agendamento, a mídia tem o poder de inserir um assunto na sociedade, definir “no que” pensar. “Estudos recentes apontam que as consequências da marcação de agenda e do enquadramento das medias sugerem que os eles não só nos dizem no que pensar, mas também “como” pensar nisso e, conseqüentemente “o que” pensar”. (TRAQUINA, 2005, p.16)

Cohen (1963 apud WOLF 1999, p.145) afirma que é certo que a imprensa pode,

na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, mas têm, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre que temas pensar.

Assim, decidem pelos leitores, quais são os fatos importantes do dia. Partindo da afirmativa de Costa, Motta e Lima (2004), organizadores do artigo "Notícia e Construção de sentidos", a relação do homem com o mundo social é dialética. Para eles o homem é um produto social influenciado pelos acontecimentos que interfere no mundo social, no próprio meio que o influenciou e colabora assim, com a formação de opinião que o leitor terá. O narrador também faz interferências na construção da realidade, no que vai ser informado para a sociedade, público leitor, da hora em que percebe o acontecimento como notícia e quando descreve o fato pelas páginas do jornal.

1.4 Valores do narrador em jogo

A análise da narrativa estuda o acontecimento jornalístico narrado como um estilo literário ou recurso da escrita e também envolve a análise de todo o contexto sócio-econômico e cultural do acontecimento. O jornalista, narrador, que relata e transmite os fatos também tem responsabilidade pela influência na construção da notícia. Por mais que o jornalista tente ser objetivo e imparcial em uma cobertura, algumas questões ideológicas que afetaram seu ponto de vista sobre o fato no simples captar e descrever o que vê. Os relatos jornalísticos estão impregnados de subjetividades, mesmo quando fazem um esforço para serem objetivos. Entre os fatores externos que interferem no relato estão as condições de produção, decisões editoriais e o jornalista narrador que é uma peça fundamental. É ele quem monta toda "estória", faz a conexão entre alguns fatos e dá um tom diferente ao enredo, que é uma das características da narrativa, o que a torna envolvente para chamar atenção do público leitor.

“O jornalista relata, capta e reproduz o acontecimento”, segundo Traquina (2005, p.62) uma interpretação simplista já que a notícia é formada por vários outros fatores externos, e um deles é o valor do jornalista.

Para Traquina (1999, p.168):

Os jornalistas não são simplesmente observadores passivos, mas participantes ativos no processo de construção da realidade. E as notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento.

Segundo Gonzaga Motta (2005), toda narrativa faz parte e é influenciada por um contexto histórico, social e cultural. Na teoria da comunicação, uma hipótese defendida por estudiosos é a do espelho em que o relato jornalístico é um reflexo fiel dos fatos. Esse estudo se encaixa em uma parte da pesquisa; o fato de a jovem Isabela Tainara pertencer à mesma classe social dos leitores do *Correio Braziliense* implica no reflexo da realidade desta pequena parcela de leitores e dos jornalistas nas páginas de jornal. A reportagem narrada pelo jornalista envolve diversos outros fatores que contribuem para a própria reportagem. Não se trata somente de representar a realidade pública, mas a realidade “do” público.

Fatores externos ao caso também fazem parte do discurso que moldam a notícia no veículo. Como a contextualização da morte de Isabela Tainara sendo comparada com outros casos que compartilham características marcantes como a violência com jovens de bairros nobres de Brasília, que foram assassinadas. O caso da morte de Isabela Tainara isolado não faz tanto sentido se descontextualizado desses outros acontecimentos como os mais conhecidos. Entre eles estão o caso da menina Ana Lídia Braga, de apenas sete anos e o caso da jovem Maria Cláudia Del’Isola, 19 anos. Acontecimentos que estão no imaginário coletivo e dão mais importância à morte de uma outra jovem com o mesmo perfil. É a repetição que permite o enredo da narrativa, o ligar dos fios e conexão dos fatos.

Pensamos que apesar do esforço empreendido pelos profissionais de ater-se à objetividade dos fatos, é possível observar na contínua produção jornalística a recorrência de notícias que narram histórias e conflitos que se repetem ao longo dos anos, com diferentes personagens e cenários. (COSTA, MOTTA e LIMA. 2004, p. 34).

O artigo *Notícia e construção de sentidos* (COSTA, MOTTA E SILVA. 2004)

descreve a notícia como um produto cultural, um produto das crenças e valores de quem escreve, o jornalista. Ele é o mediador da realidade social, agente construtor e re-significador dos fatos. E por mais que existam fatores externos que influenciam no produto final, a busca pela objetividade e imparcialidade existe, e é isso que faz com que os leitores confiem no veículo e na veracidade das reportagens. Na análise de discurso, objeto específico deste estudo, existe um narrador que relata a história e o leitor que recebe. Aqui, não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los.

Em Teorias do jornalismo – a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional (2005), Traquina diz que a notícia é um produto jornalístico e que não é possível compreendê-las sem conhecer a cultura dos profissionais da área, pois os jornalistas são parte indispensável da construção da notícia.

Costa, Motta e Lima (2004) destacam a arbitrariedade da escolha do jornalista e a construção que ele faz do real. Apesar do distanciamento profissional que deve haver com o caso, o pesquisador ao narrar, dá vida a estória trágica de Isabela Tainara. Dramatiza na medida em que utiliza um enredo e cria uma trama que relaciona os personagens numa história que busca representar o acontecimento real. Cria personagens, papéis e se torna o centro da estória, personagem que encadeia os acontecimentos.

1.5 Valores editoriais

A política editorial do veículo pode influenciar também como um valor/notícia. Segundo Traquina (2005, p.93), ela influencia a disposição dos recursos da organização e a própria existência de espaços específicos dentro do produto jornalístico, o jornal. Criação de suplementos e seções é uma decisão editorial que dá destaque ao caso, como o caso Isabela Tainara, que ganhou um layout especial com sua foto para que os leitores identificassem a cobertura especial. Traquina (2005) ressalta que os donos e editores podem influenciar o peso dos valores/notícia com sua política editorial, às vezes por razões pessoais, dando prioridade a certo assunto ou

tema. Como é possível observar o caderno de cidades, responsável pela cobertura do caso, recebeu chamada especial, espaço de um caderno quase inteiro de cobertura em alguns dias, ou mesmo notinhas em outros só para não deixar de dar a notícia sobre o caso Isabela.

Para Carey (1986 apud TRAQUINA 1999, p.169) as notícias registram os constrangimentos organizacionais sobre os quais os jornalistas labutam: os processos pelos quais as rotinas são estabelecidas, a erupção aleatória dos acontecimentos domesticadas, e as autoridades definidas. Traquina (1999, p. 169) completa o pensamento de Carey dizendo que as decisões tomadas pelo jornalista no processo de produção de notícias (*newsmaking*) só podem ser entendidas inserindo o jornalista no seu contexto mais imediato – o da organização para a qual o profissional trabalha.

2 Violência

A violência que ganha destaque nos noticiários e páginas policiais de grandes veículos de comunicação é a violência relatada “nas páginas vermelhas”. A cobertura jornalística de assassinatos, atentados, guerras e brigas tentam transmitir um “retrato” do acontecimento para os leitores. A principal característica dos atos de violência é a emoção e sentimentos que não podem ser transmitidos, nem representados como um retrato fiel da realidade pela mídia. Os meios de comunicação tentam descrever em detalhes para humanizar os casos e aproximar-se de uma representação verdadeira dos fatos para envolver o leitor.

O jornal diz o que aconteceu, ordena em graus de importância na medida em que dá mais destaque a um acontecimento e não a outro, confere assim um caráter público à notícia publicada. A morte está presente na maioria das notícias de violência e é um tema delicado de lidar, pois envolve um sentimento de perda indescritível, como diz a letra da música do cantor Chico Buarque, Notícia de Jornal: “A dor da gente não sai no jornal”.

As cenas destes atos estão presentes em vários momentos da vida, felizmente, algumas pessoas só vivenciam essa experiência pelos meios de comunicação, seja em cenas de novelas, filmes ou nas notícias do jornal diário. Já outras pessoas são testemunhas oculares da violência e viram notícias de jornal como as famílias das jovens; Maria Cláudia Del’Isola, Ana Lídia Braga, Isabela Tainara Faria e centenas de outras vítimas da criminalidade no Distrito Federal.

Na mídia, os atos de violência ganham forma e conteúdo. As manifestações de agressões descritas nos meios de comunicação se diferem das representações cinematográficas de filmes e novelas por envolverem atores reais, fatos verídicos e a fragilidade humana. O jornalista que trabalha neste setor tem que relatar da forma mais fiel possível os acontecimentos fatídicos, ao contrário das novelas e filmes que criam as situações e personagens com sua linguagem fictícia.

Segundo José Isaías Venera (2005, p.284):

Para o espectador ou leitor, o tema violência passa a ser percebido, diariamente, através da mídia (isto não quer dizer que em outros espaços da vida ele não se depare com situações de violência), configurando a violência como um efeito de realidade, sendo que ela aparece em um sistema de signos que tentam representar uma realidade violenta que está ausente (para o leitor ou espectador).

O tema violência presente todos os dias nos noticiários mostram ao público uma triste realidade que afeta o modo de percebê-la. A mídia faz o papel de mediadora entre essa realidade e o leitor que não tomaria conhecimento dessa “realidade” violenta se não fosse pelos meios de comunicação. Com a visão de ‘realidade’ do mundo afora, somente a partir da mídia, conclui-se que a sociedade é violenta, principalmente se o veículo dá ênfase às informações de violência.

Para Malena Segura Contrera (2002, p.89) a violência está tão presente nas situações comunicativas da mídia contemporânea que se apresenta como uma obsessão temática. Parte dessa obsessão temática a que a autora se refere é consequência do grande número de acontecimentos violentos e à cultura do vício, ou melhor, do costume criado em torno da população em ter sempre tragédias logo no café da manhã. Ter todos os dias um novo caso nas páginas policiais não significa, portanto, uma perseguição dos meios de comunicação em dar estas notícias. René Girard (1998 apud CONTRERA 2002, p.89) diz que o tema violência é um fenômeno presente na base mesma de toda a cultura humana.

A quantidade de ocorrências dos atos violentos é uma das explicações para a constante presença da criminalidade e violência nas páginas de jornal. Portanto, mesmo que sejam muitos os fatos que mereçam destaque na mídia, de acordo com critérios de seleção da notícia (valores/notícia), há de se questionar quais são estes valores adotados por cada veículo. Na análise do Caso Isabela Tainara o principal objeto é identificar estes valores que tornam este ato de violência específica, tão importante no jornal de maior circulação do Distrito Federal, o *Correio Braziliense*.

De acordo com Alessandro Barata (1994 apud RAMOS (org) 1994, p.14):

As pesquisas que relacionam 'imagens da criminalidade' e 'alarme social' indicam uma relativa independência da percepção da 'criminalidade real' por parte dos entrevistados. Isto é, o medo do crime está mais associado às 'imagens' do que à 'realidade' do crime e da criminalidade onde vivem os entrevistados. Aqui surge o tema mídia: na imediata e maior visibilidade de certos fenômenos criminais – e não de outros – os efeitos dos meios de comunicação e da circulação massificada dessas imagens acrescentam à percepção real uma espécie de percepção imaginária da criminalidade de rua.

A questão mercadológica ajuda a explicar o grande número de manchetes policiais. De acordo com o pensamento de notícia como mercadoria, elas aparecem no jornal porque o público gosta deste tipo de relato e compra o jornal. Malena Contrera (2002, p.98) diz que ao questionar sobre a predileção temática da mídia pela violência, os profissionais afirmam que são programas com um alto grau de violência os que dão mais audiência, logo, várias pessoas assistem porque gostam e por espontânea vontade. Para Malena Contrera, a mídia legitima quantitativamente o que na realidade é um problema qualitativo. Alessandro Barata (1994 apud RAMOS (org) 1994, p.22) define a mídia como uma 'intermediária' entre os definidores primários, como instância que tem o poder de introduzir novos fatos para o conhecimento da opinião pública, e o público. Portanto ele considera a mídia como um definidor de produção de notícia secundário, em primeiro vem a polícia e órgãos estatais, por exemplo.

A violência não é a mesma em todos os casos como também não é transmitida da mesma forma. Os valores/notícia de cada veículo interferem no tratamento que o fato recebe. Um jornal popular explora com maior intensidade as barbáries do cotidiano, de atores desconhecidos, à margem da elite social. Já os grandes jornais, que atingem um público mais seletivo e de altos padrões econômicos e sociais tratarão de casos, e somente os que têm valores editoriais com uma linguagem menos sensacionalista, em forma de narrativa, por exemplo.

Para Lolita Aniyar de Castro (1994 apud RAMOS (org) 1994, p.89) “[...] na imprensa, [...] entre a maioria dos jornais, as classes privilegiadas se encontram a si mesmas, a seus amigos e cúmplices. Nas páginas cobertas de sangue, com notícias de catástrofes e crimes, as classes exploradas se encontram entre si: são as suas páginas sociais”. Cada veículo aborda o fato que convém ao seu público leitor. Explicação que

justifica a repercussão de casos como da Isabela Tainara no *Correio Braziliense*. Uma vítima que “representa” o público leitor do jornal.

2.1 “Sede de justiça”

Segundo Malena Contrera (2002, p.99), a mídia assume o papel de justiceira, em muitos casos. “Opera como representante do poder que se autoriza a dar sempre a última palavra da vingança”. Tem o poder, inclusive de conter a vingança ou de desencadeá-la, operando as magníficas inversões nas quais a mídia é especialista. Neste aspecto, de acordo com a análise do caso Isabela Tainara no *Correio Braziliense*, houve o desejo de se fazer justiça e de certa forma uma “irresponsabilidade” profissional de não fornecer mais informações para o leitor sobre o caso sem desfecho. Quem acompanhou todos os meses de buscas, a aflição da família e as investigações, se envolveu no caso com expectativas de justiça. Mas as publicações pararam antes mesmo de um possível desfecho, deixando o público com sede de vingança.

Quando a mídia consegue desvendar um crime e colocar culpados na cadeia, a sociedade se sente segura e protegida como se fossem com eles, poderia também ser um caso solucionado. No caso do Correio em específico, o público leitor pertencente à elite da capital federal se vê refletida nas páginas do caso Isabela Tainara. O filho de qualquer um poderia estar no lugar dela.

Segundo Contrera (2002, p. 101):

A convincente mídia, como uma das instituições de maior poder de nosso tempo (se não a de maior poder, basta ver as cifras financeiras com as quais ela opera), exerce com muita competência essa regulação social através da linguagem. Pela transferência, pela projeção e pelo uso de imagens [...], a mídia e especialmente a TV com sua espantosa audiência, é a “racionalizadora” maior de nosso tempo, dispondo, por esse motivo, de um enorme poder simbólico.

A violência acompanhada diariamente nos noticiários não comove mais a sociedade, justamente por estar todos os dias em pauta. A banalização da violência e

da morte torna o assunto comum e rotineiro e não sensibiliza mais quem lê a matéria nem quem a escreve.

A negatividade é um valor que merece noticiabilidade, porém com o número de acontecimentos por minuto, só a violência não é suficiente para ganhar uma nota no jornal. Unem-se à morte, tragédias e acidentes, outros critérios de noticiabilidade como quantidade de pessoas envolvidas, o fato de ser inesperado e proeminência dos personagens envolvidos, são decisivos para o assunto chegar à discussão da opinião pública.

2.2 Imagens da violência na cobertura jornalística

A violência ganha destaque nas páginas dos jornais em todos os meios de comunicação devido ao aumento dos episódios de violência nos últimos tempos. Elizabeth Rondelli (2000, p. 144) o intenso debate do tema na mídia acompanharam o crescimento da violência na sociedade urbana e com isso houve toda a construção do imaginário do leitor.

Rondelli (2000) ressalta a falta de pesquisas e debates no Brasil sobre a influência dos programas de conteúdo violento sobre os telespectadores, moradores comuns das grandes cidades. Os meios de comunicação influenciam e ajudam a construir as representações sociais da violência no imaginário coletivo de cada espectador. Parte do que se torna conhecido sobre as guerras, chacinas, homicídios são relatados pela mídia segundo seu ponto de vista.

A violência é um ato de linguagem. Ela tem expressão própria que a mídia testemunha e molda segundo seu discurso.

Alessandro Barata (1994 *Apud* RAMOS (org) 1994, p.22):

A linguagem da mídia realiza, portanto, a função de direcionar a atenção e atuar sobre o público, com um efeito de dramatizar ou tranquilizar. Desta forma a realidade cotidiana – pano de fundo para a apresentação da notícia – vem conceituada e confirmada como se fosse “consenso”. [...] a mídia é ‘a voz do

público'. Ela aparece como 'representante' da opinião pública. Mas a relação entre a opinião pública e a opinião publicada não é linear. Na verdade, a mídia e as atitudes do público se condicionam reciprocamente. (grifo nosso)

De acordo com Rondelli (2000, p. 154) a mídia não só atribui sentidos próprios aos atos de violência ao selecioná-los e na hora de opinar a respeito, como, ao observar e relatar para transmitir os fatos para o público. E a forma com que a informação é transmitida é de suma importância, pois é daquela forma que a opinião pública tomará conhecimento do fato.

3 Nas entrelinhas do discurso

3.1 Análise de Discurso

No interesse de analisar a cobertura jornalística do caso Isabela Tainara este estudo se apropria das ferramentas da Análise de Discurso, que tem por objetivo identificar as marcas discursivas no texto publicado e deixar claro alguns fatores fundamentais na construção da notícia no jornal *Correio Braziliense*. O objeto de estudo na Análise de Discurso é a linguagem e mais, a forma com que a mensagem é transmitida. O conteúdo, cada edição e reportagem sobre o assassinato da jovem ficam em segundo plano nessa análise.

A forma com que o conteúdo foi transmitido ao público, o enquadramento da reportagem - a forma escolhida foi a de narrativa que envolve os fatores externos; cultura, ideologia, editorial do veículo, história de publicações do jornal, memória coletiva do público e do repórter. Juntos, são critérios e valores que influenciam na abordagem do tema, mesmo que de forma inconsciente, e constituem o discurso.

Nesse caso, a análise volta o olhar para o narrador, o repórter que escreveu e apurou os fatos, pois parte dele uma das etapas mais importantes na construção da notícia. Desde o momento em que o jornalista recebe a pauta (assunto para análise) há interferência do profissional na construção da narrativa. São as fontes entrevistadas e pontos de vista diferentes sobre o assunto que podem ser abordadas no lugar de outras, maneiras diferentes de contar o fato que carregam significados além da mensagem. Segundo Orlandi (2005, p.30), “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”.

Por mais objetivo e imparcial que esse agente tente ser, os fatores da formação cultural e decisões editoriais aparecem no produto final e se moldam ao discurso formado do veículo. No caso Isabela Tainara o discurso do veículo, transmitido nas entrelinhas, se analisarmos todo um histórico de publicações sobre casos de violência com jovens de classe média é coerente, pois é um discurso para a classe média de Brasília, que envolve uma jovem do mesmo meio dos leitores.

A percepção e emissão de sentidos e significados implícitos no discurso ficam claros na análise de várias coberturas e repetição de um padrão. Assim observam-se, também, como alguns interesses editoriais influenciam e ganham muito mais destaque e visibilidade, algumas vezes, do que outras notícias que são de interesse público como os consecutivos escândalos no Governo Federal, que foi o pano de fundo na época em que o corpo da estudante Tainara foi descoberto pela polícia.

O pano de fundo do enredo faz parte do discurso do jornal, e o fio que tece e conecta o caso Isabela a outros casos é a estrutura sócio-econômica das personagens. Um fator comum nos assassinatos que ganharam repercussão que pode ser observado com a análise de vários outros fatos recorrentes e também tratados com tamanha relevância. Os assassinatos da menina Ana Lídia Braga em setembro de 1973 e da jovem Maria Cláudia Siqueira Del' Isola em dezembro de 2004 e Isabela Tainara Faria em maio de 2007, têm em comum o fato de todas serem jovens que pertencem à classe média de Brasília. Esse é o pano de fundo, o fio que tece relação entre todos os casos. É o interdiscurso para a Análise de Discurso, a presença da memória discursiva atuando na constituição do dizer.

Os acontecimentos ganham páginas, espaço no debate público e se tornam de alta relevância social para a sociedade, sem que muitos leitores percebam que a discussão é motivada por interesses editoriais e mercadológicos da venda da notícia para seu público alvo. O foco no público é o que conta e não o interesse em informar a sociedade. O discurso jornalístico pauta a sociedade em assuntos que são de interesse do veículo e nem sempre do público em geral, mas são transmitidos como tal.

A estória que se formou na cobertura da morte de Isabela ultrapassou a intenção de informar. O veículo analisado narrou o fato fazendo uso de um recurso que a literatura adota, o conto, que não obedece a uma seqüência cronológica, contando-se aos poucos o acontecimento real para envolver o leitor.

Orlandi (2005) considera que a linguagem não é transparente, pois a linguagem adere valores e ideologias do transmissor que significam e re-significam no inconsciente coletivo mesmo sem estarem explícitas no texto. A questão principal que Orlandi coloca é: “como este texto significa e não o quê”, o meio e não a mensagem somente. O

discurso do jornal *Correio Braziliense* se materializa na estrutura do texto entre as linhas de cada texto, se explicita na regularidade em que aparece. Na escolha de um padrão, formatos de linguagem e coberturas de fatos que tenham algo em comum e não só o interesse público em jogo. O discurso é um padrão, está implícito na linguagem utilizada, molda as palavras, produz sentidos e o receptor não tem controle, muitas vezes, sobre o modo como as notícias o afetam e influenciam seu ponto de vista do caso.

Para Eni P. Orlandi (2005, p.72):

O texto é a unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar da relação com a representação da linguagem: som, letra, espaço significante: lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico, ele é objeto de interpretação.

Uma questão importante quando discutimos a parcialidade e jogo de interesses que envolvem a construção da notícia é: se o discurso é decifrado de forma consciente por alguns leitores que identificam as influências externas que a reportagem sofreu e se, mesmo assim, o veículo continua sendo lido e comprado por esse leitor sem que a credibilidade do jornal tenha sido afetada. De fato, o leitor consciente da linha editorial do veículo compra o jornal esperando determinada posição (de defesa ao governo ou contra que alguns veículos fazem questão de deixar claro para o público em suas reportagens) e outros fatores como autoridade e credibilidade do veículo imperam, pois esse leitor compartilha dos ideais do jornal ou confia no veículo como transmissor de notícias verídicas.

A análise de discurso tem por objetivo escutar o não dito naquilo que é dito. O que o texto pode esconder, mesmo revelando, abordando um fato e não outro. "Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos". (ORLANDI. 2005, p. 33).

O interdiscurso é formado por resquícios de lembranças de outros casos (Ana Lúcia e Maria Cláudia) guardados na memória coletiva que com outro acontecimento

parecido são re-significadas e ganham um novo narrador e momento particular na história. Segundo definição da autora Orlandi (2005, p. 33), o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos, formulações que interferem no discurso presente a todo o momento, que dão significado e relevância a outros acontecimentos.

Essas lembranças são reforçadas em cada novo caso, o conjunto de formulações já feitas se repetem porque este é o discurso do veículo. Uma breve comparação com os casos mais recentes, Maria Cláudia e Isabela Tainara. As matérias iniciais da descoberta do corpo até alguns dias após o enterro, os títulos foram muito parecidos, o modelo e forma de mostrar a foto que representa a vítima é igual, a exposição à família aos amigos e apelo emocional dos textos.

A memória é um fator de produção que influencia na construção da notícia e faz parte do discurso. É o já-dito e é tratada como interdiscurso. As publicações, os textos e as mensagens que têm sentido porque o leitor já tem um conhecimento prévio sobre o assunto. A memória coletiva da sociedade (leitores) sobre outros casos de violência urbana traz à tona o questionamento de violência na capital. Ela é um fator muito importante para entender e explorar melhor o universo do discurso jornalístico, pois a mídia ajuda a construir o imaginário, a memória do receptor. Relembra de casos ou mesmo relata e narra outros fatos que só se tem alcance pela mídia. Constrói a história.

Roger Silverstone (2005, p.235) em *Porque estudar a mídia* relata que a mídia tem o poder de definir o passado, de apresentar e representar a história, principalmente se não há outras formas de consulta dos acontecimentos.

Para James E. Young, (1993 apud SILVERSTONE, 2005, p.237)

Estudar a relação da mídia com a memória não é negar a autoridade do evento que é foco da recordação, mas insistir na capacidade da mídia de construir um passado público, assim como um passado para o público. A textura da memória se entrelaça com a textura da experiência.

O discurso do *Correio Braziliense* na cobertura do caso Isabela Tainara molda o imaginário e fixa o fato na memória coletiva. O que foi publicado ficará gravado na memória dos leitores. E o que será lembrado não é o acontecimento em si, só possível

para quem testemunhou os fatos, mas o relato dos jornalistas do jornal.

Por intermédio da reposição de sentidos da mídia, essas lembranças voltam carregadas de tonalidades novas de emoção sempre moldadas pelo discurso do veículo. Com um exemplo geral talvez fique mais claro entender o jogo de interesses que os meios de comunicação fazem com a memória coletiva; em época de repressão, tortura e censura, se o veículo foi a favor e colaborou mesmo que indiretamente para esse cenário, julgando que esta posição seja hoje discriminada, ele não irá, provavelmente, editar um especial sobre a repressão contando o lado sombrio e negativo da história que ele ajudou a construir. A memória que o veículo evocará sobre o caso é a melhor possível, em relação à imagem do jornal, na época. Isso não significa inventar ou mentir sobre os fatos, mas mostrar os pontos de vista que o favorecem, e claro com muita discrição, pois no jornalismo não se inventam os fatos, as reportagens não são fábulas e sim acontecimentos verídicos narrados por profissionais da área.

4 Caso Isabela Tainara

Isabela Tainara era uma jovem de 14 anos que segundo descrições do *Correio Braziliense*, tinha uma personalidade quieta e tímida, freqüentava boas escolas particulares, cursos, uma menina com rotinas semelhante a de outras garotas da classe média da Capital Federal. Sua família mora um setor nobre de Brasília, no sudoeste, onde o nível social e econômico dos moradores é elevado. A adolescente desapareceu no dia 14 de maio na saída do curso de inglês que fica a apenas 500 metros de distância de sua residência. Por volta das 19h da tarde Isabela saiu da aula de inglês, entrou em um carro ainda não identificado e só foi encontrada 46 dias após o sumiço.

A agonia da família se tornou pública, mobilizando meios de comunicação, empresas que patrocinaram material de divulgação. A dúvida do desaparecimento começou no dia 14 de maio e só em 28 de junho, a polícia localizou o corpo da estudante em um matagal em Samambaia Norte, acabando com as esperanças de achá-la viva. Não acharam culpados ou evidências que descrevam com detalhes o que aconteceu com Isabela Tainara neste período. E somente por meio de uma denúncia anônima feita de um orelhão próximo ao local do crime, foi possível acabar com as dúvidas sobre o paradeiro da menina de 14 anos. As polícias têm suspeitas, mas a demora em solucionar o caso e encontrar os restos mortais da jovem dificultou o trabalho. O crime ficou como uma das prioridades da polícia, em junho, época de grande divulgação do caso que continua sem respostas.

Esse é o resumo do caso Isabela Tainara que se repetiu e repercutiu do final de maio até começo de agosto intensamente nas páginas do caderno de cidades do *Correio Braziliense*. As publicações do caso são o *corpus* desta pesquisa. Para ilustrar a cobertura do caso Isabela Tainara foram selecionadas algumas publicações entre todas as reportagens que saíram de maio a setembro de 2007. O primeiro aspecto analisado foi o destaque dado pelo jornal ao crime. Os títulos, fotos e características marcantes que permitem a identificação do enredo que amarrou toda a estória do começo ao fim. Na manchete de capa principal do dia 29 de junho: “Cabeça de jovem é achada em matagal” que pode ser analisada na página 51, anexo A, representa o valor/notícia do inesperado. Rompe a rotina e enche o leitor de dúvidas, ingrediente

essencial para que o leitor acompanhe os próximos capítulos. E esse é o primeiro capítulo do caso Isabela Tainara após acharem o corpo já sem vida. “O jornalismo vive de criar expectativas” afirma Luiz Gonzaga Motta (2005, p.71).

Após quase dois meses de campanha publicitária atrás de Isabela, 20 mil panfletos, cartazes e fotos espalhadas por toda a cidade – patrocinado por empresários e meios de comunicação – todos que acompanhavam o caso aguardavam notícias. Somente no dia 28 de junho é encontrado o corpo. Neste dia, centenas pessoas enviaram mensagens de apoio e indignação para o site criado pelo irmão, Israel Faria, para encontrá-la (www.isabelatainara.nom.br). A internet foi utilizada como meio de comunicação entre a família e a sociedade e colaborou com a repercussão do caso.

Desse dia em diante, as notícias eram de possíveis suspeitos, de pistas, detalhes de investigação, de amigos e familiares que conviviam com a jovem. A descobertas, mesmo a falta de informações e declarações da família foram os ‘ganchos’ para as demais publicações que chegaram a ocupar 90% do caderno de cidades, em julho de 2007.

Estatísticas publicadas no dia três de julho na p.23 do caderno de cidades, com a matéria sobre a investigação, diz que 192 crianças e adolescentes estão desaparecidos no DF, 610 sumiram de casa de janeiro a maio e que 536 desses casos, têm entre 12 e 17 anos. Isabela Tainara está no perfil das jovens desaparecidas no DF também, mas em consequência do esforço da família, da mídia e dos valores/interesses sociais e mercadológicos o caso Isabela se destacou de todos os outros e foi o mais divulgado.

O enredo do caso foi “tecido” em volta das barbáries com repercussões similares no Correio. São casos de outras jovens com perfis que lembram o de Isabela Tainara e serviram de pano de fundo ou contexto para o leitor. Adolescentes com boas condições financeiras, que estudam em colégios particulares, residem em bairros nobres da capital e fazem parte do público de leitores do “jornal da capital”. Foram lembrados os assassinatos de Maria Cláudia Siqueira Del’Isola, 19 anos, da menina Ana Lúcia Braga, de sete anos, também destacados pelo *Correio Braziliense* na época em que cada um ocorreu. Outros dois casos, de menor repercussão, também foram citados: a morte de Michelle de Oliveira Barbosa, 17 anos (1998) e de Letícia Mendanha Silva, nove anos

(2005) na reportagem do dia 30 de junho: “Outros dramas – quatro casos, envolvendo crianças e jovens, abalaram Brasília”.

Essa ligação é feita justamente para ativar nossa memória e dar vida ao interdiscurso que segundo Eni P. Orlandi (2005, p.33) são formulações que já estavam esquecidas, mas que interferem no discurso presente, pois compara e reativa lembranças e assim modifica a visão do caso Isabela Tainara para o leitor, dando mais significado e relevância, pois sugere que já aconteceu e pode voltar a acontecer.

O perfil das vítimas e personagens principais dos casos de violência no Distrito Federal noticiados pelo Correio é o critério que mais pesa nas reuniões e discussões editoriais, segundo o próprio relato da jornalista Samanta Sallum, editora do caderno de cidades do *Correio Braziliense* como veremos mais adiante.

4.1 Narração dos fatos: identificando aspectos da narratologia na cobertura jornalística

A primeira matéria do caso Isabela Tainara foi publicada no dia 22 de maio, oito dias após seu desaparecimento. Onde está Isabela? Foi a pergunta do mês em pontuais notinhas, matérias e panfletos espalhados por todo o DF e entorno.

O perfil da jovem Isabela Tainara foi o principal motivo para a cobertura do caso ganhasse as páginas especiais. Sallum, representando em voz oficial a equipe do Correio Braziliense, como responsável pela cobertura e decisões de pauta, alegou que o fato do caso Isabela Tainara ter ganhado destaque no jornal não significa segmentação do veículo. Segundo ela, exemplo disso foi a cobertura do assassinato de Raiane Maia Moreira, 17 anos e Natália Oliveira da Silva, 14 anos, na Cidade Ocidental, em agosto desse ano. Porém, as jovens da Cidade Ocidental não ganharam destaque especial como Isabela, como alega a representante do Correio. Como, segundo a análise das publicações do Correio, o discurso do jornal é claramente voltado para um público específico, o de leitores do veículo, a maioria dos textos sobre Raiane Maia e Natália Oliveira já começam localizando “o” leitor. “Na Cidade Ocidental, a 47Km do Plano Piloto”, o que o avisa: “Olha, o caso não aconteceu no seu meio social, mas está

próximo 47Km de você”, este teria sido um dos aspectos do discurso do jornal ao dar as mortes de jovens moradoras do entorno do DF.

O caderno Cidades dedicou uma edição especial para o caso Isabela Tainara, que foi tema do dia por semanas e analisou os ganchos e encadeamentos, formou um enredo, criou papéis e personagens. Pegou depoimentos, investigou possíveis suspeitos, cenário da morte - fundo para várias reportagens sobre o caso (o matagal de Samambaia onde o corpo foi encontrado) criou a mocinha e o vilão, enfim, toda uma trama digna de uma ‘novela das oito’ com enredo de drama familiar que ainda não chegou ao fim.

Todo este enredo foi o principal ponto negativo para Israel Faria, 22 anos, irmão de Isabela Tainara, que foi personagem fundamental na cobertura do caso. Ele se mostrou preparado para enfrentar a situação do assassinato da irmã e totalmente consciente de da repercussão do caso em Brasília. Soube lidar com o assédio da imprensa e disse ter se privado de sofrer a dor da perda de Isabela para contribuir com a investigação e com os jornalistas, principalmente do *Correio Braziliense*, de onde recebia retorno de uma das jornalistas sobre os assuntos e novidades que seriam publicadas sobre o caso.

Para Israel, na medida em que o interesse sobre o assunto aumenta, a curiosidade também cresce e com isso, sobe a pressão do jornal em dar detalhes de investigação que contém informações estritamente confidenciais. O assédio da imprensa em ouvir sobre rotinas e vida da família é considerado por ele o lado problemático da cobertura. Segundo ele, o excesso de informações ajuda o culpado a se armar contra qualquer acusação.

Uma das minhas decisões mais certas que tomei foi me aproximar do Correio para ter um pouco mais de controle e acesso sobre o que era noticiado. E no momento em que eu fiz isso tive um retorno interessante. Então escolhi lidar com o Correio de maneira mais íntima, depois que ele me ofereceu uma contrapartida. Eu tinha acesso e voto com os jornalistas que cobriram o caso e não simplesmente ser um noticiado, mas passei a ser um noticiado ativo. (FARIA, Israel. 2007)

Nos títulos, no enredo, nos textos e na construção da imagem do caso Isabela Tainara, em vários aspectos das matérias, percebe-se a presença de características da

narrativa no *Correio Braziliense*. A cobertura extrapola a função de informar e pretende envolver o leitor deixando sempre brechas e dúvidas nos que lêem o jornal em busca de novidades.

Houve um “desdobramento do factual” nas matérias. Elas ultrapassam o fatídico, ressaltando aspectos que não estão diretamente relacionados ao caso ou à sua solução. Estes aspectos da narrativa jornalística podem ser observado no título do anexo D, “Outros dramas” publicado no dia 30 de junho. “A saudade”, “Pesadelo em família” e “Revolta e tristeza na internet” no dia 1º de julho entre tantas outras matérias que vão muito além do relato do acontecimento em si. São reportagens não-factuais que exploram a vida particular da família e amigos da jovem assassinada. Estes títulos também foram utilizados na cobertura do Caso Maria Cláudia, no dia 14 de dezembro ilustrado no anexo C. Com os títulos: “a emoção”, “os amigos”, “novos personagens”, que pode ser visto no anexo E, publicação do dia 5 de julho, mostram traços da narrativa no jornal. A família passa a ser conhecida por todos a partir das matérias.

Detalhes e histórias da vida de cada um. Personalidade, ciclo de amizades e relacionamentos ficam expostos nas páginas de jornal. Essas pessoas se tornam personagens criados a partir de textos, que têm sua vida acompanhada pelos leitores. A narrativa permite a escrita com mais envolvimento, emoção, humanização da estória com personagens só possíveis neste recurso lingüístico, diferente das reportagens convencionais que são factuais. A cobertura extrapolou tanto o fatídico que chegou a repetir os títulos das matérias do mesmo dia porém e meses diferentes, como mostram os anexos F e G com as chamadas: “Laudo não apontará a causa da morte”, no dia 4 de julho de 2007 e “Laudo sem a causa da morte” no dia 4 de agosto de 2007.

A escolha pelo recurso da narrativa foi fundamental para que todos estes aspectos fossem explorados em uma linguagem que não ficasse como a cobertura de jornais populares. A forma com que é transmitida a informação faz parte dos objetivos do discurso do jornal, oferecer informações da capital para seus leitores. Dos 765 mil leitores do jornal, 91% deles pertencem às classes A, B e C do DF, de acordo com pesquisa em 2006, feita pela empresa Marplan.

A narrativa foi utilizada como estratégia textual para aproximar e envolver o leitor ao caso sobre uma vítima que tem relação direta com o cotidiano e realidade deles. Coloca o leitor em uma posição de alerta, e este procura se manter informado para se certificar que também não corre o mesmo risco. Mesmo que o alcance do jornal *Correio Braziliense* seja de 91% nas casas de famílias de classe A, B e C – Classes alta e média alta, segundo definição da pesquisa de perfil do leitor de 2006, o assunto chega às outras classes também e se torna comentário do público em geral. Do micro para o macro, um caso isolado no bairro nobre de Brasília, que a princípio despertaria mais interesse na comunidade próxima, leitores do *Correio* fazem parte dessa comunidade, torna-se de interesse do Distrito Federal e até nacional no momento em que ganha espaço no *Fantástico*, por exemplo.

4.2 O gosto pela tragédia

Segundo o autor Danilo Angrimani (1995) o assunto violência é de interesse público independente de fatores sociais, econômicos ou culturais. Recebe destaque e passa a ser debatido pela sociedade em todas as camadas sociais. Angrimani diz que o interesse do leitor seja de classe alta ou de cadernos sensacionalistas é o mesmo, o que muda é apenas a linguagem utilizada para atingir os diferentes públicos. E é o que observamos na forma com que o *Correio*, como veículo da elite brasiliense, abordou o tema, em forma de narrativa, mais envolvente e sem notícias *trash* características dos jornais sensacionalistas. O discurso do *Correio Braziliense* não está explícito nas reportagens da morte de Isabela Tainara, mas pode ser notado na análise e na ligação dos outros casos semelhantes já citados.

O artigo “*Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística*” (2004) diz que um dos recursos utilizados na narrativa é a graduação, que pretende evitar a monotonia no relato diário. Assim acontece a troca ou inversão de papéis para quebrar o ritmo da estória. O mesmo personagem desempenha diferentes funções durante a narrativa, de mocinho para vilão. E assim aconteceu já no terceiro dia após a descoberta do corpo. Na capa do dia 1º de julho sai o título: “Polícia vasculha casa e

carro de suspeito”, uma acusação direta e perturbadora para a família Faria que muda a rotina e ritmo da narrativa.

A irmã de Isabela, Débora Faria, foi a responsável pela campanha de distribuição dos panfletos, ela que era o elo de ligação com a imprensa, passa a desaparecer das fotos e entrevistas após uma suposta denúncia de envolvimento. Ela e o marido passaram de personagens passivos para vilões e acusados pela tragédia. Este é um dos conflitos da história e traço freqüente da narrativa. Segundo Israel Faria, irmão da vítima, a mídia “enfeitou” um pouco os textos para “jogar uma sementinha” de dúvida sobre a inocência dos dois suspeitos que fazem parte da família. Para ele, alguns detalhes não foram preservados justamente para aumentar a curiosidade do público no caso e acompanhar a repercussão a cada dia. “Tiveram coisas irrelevantes que foram publicadas para saciar essa curiosidade louca do público”, diz Israel Faria.

A narrativa é utilizada como uma estratégia comunicativa, um recurso da linguagem para criar expectativas de suspeitos, causas e motivos da morte e vários recursos que fazem os acontecimentos falarem por si, sem interferência do narrador.

4.3 Valores que tornaram o caso “a” notícia.

Por que Isabela Tainara mereceu destaque na mídia? O que a jovem Isabela tem de diferente das outras 40 mil crianças e adolescentes que desaparecem todos os anos no Brasil. Do total, 2.200 casos aconteceram no DF, uma média de 18 casos por mês. Isabela está entre estas 18 adolescentes no mês de maio e foi a única que ganhou 19 publicações entre matérias e notas sobre o desaparecimento (até junho) e mais de 90 páginas, entre capas principais, capa do caderno de cidades, notinhas, matérias e crônicas, após o dia 29 de junho quando foi encontrado o corpo. Depois da confirmação do cadáver de Isabela, o caso ganhou novo título e *layout* que o destacou das demais publicações. As matérias que antes vinham identificadas com o nome: “Desaparecida”, antes dos títulos, passou a ser conhecido como o “Caso Isabela Tainara”, com tarja preta de luto do veículo pela barbárie, foto para reforçar a informação e várias matérias sobre o fato.

De janeiro a junho deste ano, foram 28 casos de homicídio (dados da Polícia Civil do DF) somente em Samambaia, cenário do crime com a jovem Isabela Tainara. Porém, ela se diferencia, pois foi a única que recebeu destaque de capa e caderno de cidades no jornal *Correio Braziliense*.

Por que Isabela? Entre os fatores que respondem a esse questionamento, estão os valores/notícia que o caso envolveu. Entre eles, o perfil de Isabela foi o que mais teve influência na repercussão. A morte da jovem de classe média preenche alguns dos principais critérios de noticiabilidade do jornal, como a proeminência: importância e perfil da personagem para o público do veículo. Os leitores do *Correio Braziliense*, em sua maioria de classe alta e média, se identificam com o acontecimento com alguém que compartilha a mesma realidade social. É um risco que eles também podem estar correndo, portanto de alto interesse para as pessoas com o mesmo perfil de Isabela Tainara. A proximidade que o fato aconteceu dos leitores, o seqüestro na porta da escola no Sudoeste, um bairro considerado seguro onde a maioria tem boas condições financeiras.

O fato de ser inesperado é outro critério que quebra a rotina das notícias. Ainda mais quando o leitor se vê surpreendido por uma notícia trágica e sem explicações ou motivos que justifiquem tamanha barbárie como foi a notícia da morte de Isabela Tainara. O inesperado ou excepcional no caso Isabela foi o assassinato de uma jovem que aparentemente não tinha motivos para ser vítima. E o valor/notícia negatividade, que completa o grupo de fatores que tornaram o caso notícia. O acontecimento negativo reúne em a qualidade de ser inesperado, geralmente chama atenção pela violência contra um ser humano e instiga a curiosidade humana - O que aconteceu? Quantos morreram? Quem fez isso? Como? Quem era ela? Por que? Quando? Onde? Estas também são as perguntas que o editor faz para a fonte que relata o acontecido. Após uma avaliação das respostas, se elas estiverem de acordo com os critérios adotados pelo veículo, é notícia do próximo dia. E quanto mais as respostas se encaixarem com seus interesses, mas noticiável ela é. A violência também é um acontecimento inesperado e de grande impacto na sociedade. Representa uma ruptura, uma anormalidade negativa. Mas a violência por si só não é novidade, é preciso humanizar e aproximar o acontecimento do seu leitor.

Para Mitchell Stephens (1988, apud TRAQUINA, 2005, p.63), o extraordinário, o insólito, atual, o ilegal, a calamidade e a morte são “qualidades duradouras” das notícias. Características que tornam os acontecimentos em notícia, pois eles produzem espanto e surpresa no público.

De acordo com os valores/notícia apresentados por Galtung e Ruge (1965/1993 apud TRAQUINA 2005, p.69), o caso em estudo tem vários atributos de notícia: O fato excepcional, perfil da vítima, o acontecimento ser da atualidade, proximidade com o público leitor do veículo *Correio Braziliense*, proeminência da pessoa envolvida (por ser uma jovem de classe média) e o valor impacto e significância. Estes juntos são mais que motivos para o caso ganhar o estatuto de notícia.

4.4 Decisões editoriais

Para a editora do caderno Cidades, a série sobre Isabela Tainara, depois de encontrado o corpo, foi uma forma de apoio à família e um serviço público de pressão para que o caso fosse solucionado.

Publicamos tanto para chamar atenção de autoridades de famílias e para colaborar com as investigações. Era um caso de interesse do leitor que mandou vários e-mails pedindo novidades e que o assunto não morresse. Teve um que até mandou assim: vocês já se esqueceram da morte de Isabela? (SALLUM. 2007. Grifo nosso)

Segundo a pesquisa diária do Painel do Leitor no *Correio Braziliense*, o leitor pedia espontaneamente, quando questionado sobre o que gostaria de ver no jornal, sugestões e críticas, para “não deixar morrer o caso Isabela”, “mais sobre o caso da Isabela Tainara”, “sinto falta de matérias sobre o caso Isabela Tainara”. Essas foram três opiniões selecionadas para ilustrar a demanda pelas notícias do caso. A empresa colhe diariamente 31 entrevistas para o Painel dos Leitores. Pedidos que eram freqüentes no mês de julho, quando acharam o corpo de jovem, segundo o Departamento de Marketing do Correio. Havia também críticas à cobertura abusiva, mas não chegavam a ser maioria, segundo o departamento. Na página de opinião do

dia 1º de julho, a foto clássica já divulgada em edições anteriores, inclusive no layout especial do caso foi eleita a imagem que mais chamou atenção na edição. Sinal de que os leitores não deixaram o caso passar despercebido e prestaram atenção em todas as pequenas fotos no canto esquerdo das páginas do caderno de cidades.

De acordo com a editora, o critério que tornou o caso tão divulgado foi em primeiro lugar pelo perfil da jovem. Adolescente de hábitos comuns de uma menina quieta de classe média sem motivos aparentes de abandonar o lar ou de ter inimigos capazes de cometer tal barbárie. Sallum ressalta que casos como esse não são comuns em Brasília, por isso são noticiáveis. “Desaparecer no Sudoeste e ser encontrada morta em outro local desperta interesse no leitor que quer saber o que aconteceu”, conta. O fato de Isabela ter o mesmo padrão sócio-econômico de vida que a maioria dos leitores do jornal, contribui para a noticiabilidade do caso.

As decisões editoriais acontecem de acordo com o discurso e metas do jornal. Podem ser entendidas como a escolha e definição do espaço e página que a matéria ganhará, se a foto sairá maior ou menor, se as matérias ganharão uma chamada na capa principal ou na capa do caderno de cidades. Todas estas são decisões tomadas pelos editores que interferem no modo com que o leitor será abordado pela notícia. Valorizam ou não o assunto.

A participação do jornalista na abordagem do assunto também dá uma abordagem diferente. Os repórteres são designados a cobrir o assunto em “setores” dentro da mesma editoria. Neste caso foram três deles, no caderno de cidades, apontados pela editora como os que mais se envolveram com o assunto e acompanharam o desenrolar e cada novo passo da história.

Segundo Samanta Sallum, editora chefe do caderno de cidades, “a narrativa não é exclusividade do caso Isabela Tainara e sim uma linguagem “padrão” para a maioria dos casos abordados pelo veículo”. Ela cita como exemplo a cobertura da suposta tentativa de assalto ou atentado contra o jornalista Amaury Ribeiro e no assassinato da jovem Maria Cláudia. Informação que confirma e consolida a narrativa como estratégia textual do discurso do veículo que é voltado para a maioria de seus leitores. Sendo a narrativa um recurso que permite o maior envolvimento de emoções e da criação de

personagens com maiores detalhes da vida pessoal e uma linguagem mais apropriada para o público leitor classe média do jornal em casos de violência como o de Isabela.

Assim, observa-se que as matérias são feitas de acordo com a linguagem para o leitor, e o tratamento da notícia como mercadoria, escolhida e escrita para vender para o público específico do *Correio Braziliense*. Torna-se uma representação da violência em Brasília, mesmo sendo um caso isolado que na verdade não tem expressividade social o bastante para servir de espelho da realidade pública. Reflete somente a “realidade” do público leitor do jornal *Correio Braziliense*, mas alarde até quem não faz parte do universo de leitores do veículo.

4.5 Notícia como mercadoria

A questão da “liberdade de imprensa”, hoje, envolve um modelo de informação neutra e objetiva, que segundo seus conceitos, vão de encontro com a realidade dos veículos em sociedades de consumo. Os meios de comunicação fazem parte do sistema capitalista de produção e venda para públicos específicos de acordo com objetivos comerciais. Eles constroem e operam como poder público, a partir do momento em que definem a pauta da opinião pública – quando forma ou influencia a formação eleitoral, por exemplo. O jornal não é um meio independente. É uma empresa privada que sobrevive das relações de mercado, depende da publicidade de outras empresas financeiramente. “Falamos, pois, de um processo sócio-cultural de produção, veiculação e absorção dos fatos do cotidiano, que atuam na construção da realidade, à medida que se transformam em experiências compartilhadas do mundo” (COSTA, MOTTA e LIMA. 2004, p.33). É para o leitor que o jornalista escreve, o principal consumidor das informações, o mesmo público que a publicidade nas páginas do jornal quer atrair. Mas não é qualquer leitor, é o que faz parte do público consumidor de jornal. Para eles as matérias são escolhidas e escritas. O aspecto mercadológico e ideológico do sistema de informação deve ser claro para o receptor tomar suas próprias conclusões sem ser influenciado por fatores que contrariem o direito à informação desprovida de interesses econômicos do veículo.

5 Conclusões e Recomendações

A pesquisa acadêmica do caso Isabela Tainara no *Correio Braziliense* começou com o propósito de entender um pouco mais sobre os interesses por trás da notícia. Saber porque um caso ganha destaque e outros não. Como o *Correio Braziliense* é um dos principais veículos impressos do Distrito Federal com mais de 765 mil leitores, me intrigou o interesse do jornal em divulgar o caso por tanto tempo. As análises revelaram que as decisões tomadas pelo jornal são parte de uma estratégia moldada pelo discurso do *Correio Braziliense*. A narrativa é uma das estratégias lingüísticas adotadas. Ela é utilizada com frequência em casos que tem a intenção de comover e envolver o público leitor do jornal no acontecimento, além de ser um recurso que permite manter o assunto por vários dias ou semanas em pauta. Percebi muitas semelhanças da cobertura do caso Isabela Tainara com o Caso Maria Cláudia. Foram usadas as mesmas características, títulos, *layout*, foto (no dia do enterro as fotos do caso são semelhantes). Neste estudo sobre o discurso do *Correio Braziliense* comprovei que o jornal é, nos moldes capitalistas, um “fabricante” de notícias.

A emoção e a tragédia são utilizadas como ganchos e argumentos para vender jornal. O lado bom da cobertura é o de escreve para informar, de fazer pressão social nas autoridades e colaborar com a segurança pública mantendo o assunto em debate. Mas percebi que essas boas intenções são fundamentais para a credibilidade da empresa. Credibilidade que ajuda a vender o jornal. E no final tudo colabora para a obtenção do lucro.

Constatei por da entrevista com a editora-chefe do caderno de cidades, que o objetivo do jornal é escrever para o leitor, o público específico pagante tem voz ativa na seleção das notícias. Os indícios de segmentação do veículo ficam claros quando se observa a linguagem que é bem diferente da utilizada para o público leitor de jornais populares como o AQUI DF, por exemplo, que também pertence aos grupo dos Associados do Centro-Oeste.

Os assuntos selecionados geralmente têm relação com o universo do cotidiano do público leitor que pertence às classes A (28%) e B (37%). Analisei criticamente o processo de seleção da notícia até ela chegar à capa. Saber o que é uma notícia é

muito mais do que simplesmente executar a pauta, é saber porque ela foi parar na mão do repórter. Com esse conhecimento os jornalistas sabem exatamente quem querem atingir e como abordar o assunto. A hipótese da *agenda setting* mostra o poder que as publicações tem na vida da sociedade e não só do público leitor. A mídia diz o que é notícia e a partir daí todos comentam e tomam conhecimento do caso, inclusive quem não faz parte do grupo alvo do jornal.

Esta pesquisa se tornou importante por desenvolver uma consciência crítica sobre a cobertura jornalística de um veículo de amplo alcance no DF. Abriu os meus olhos para ler as matérias e me perguntar porque ela estão lá todos os dias e não só discutí-las. Concluí que o *Correio Braziliense* é uma mídia “segmentada”, e que as notícias não tem a intenção de refletir a realidade social de todo o Distrito Federal, mas só de uma pequena parcela da população, a de assinantes.

O caso da jovem, que tem perfil social semelhante ao dos leitores, a proximidade do acontecimento e a violência que é de interesse geral, todos esses elementos deram substancialidade à notícia, que foi além do fato. Com o resultado vi a relação mercadológica que envolve as notícias. O jornal colabora com a sociedade, informa e presta serviços ao público, mas acima de tudo, é uma empresa que escreve produtos para seu consumidor.

A principal intenção desta pesquisa foi analisar a fonte das notícias. De onde veio a notícia do desaparecimento e morte da jovem Isabela Tainara e por que recebeu tratamento além da cobertura fatídica? Ao analisar o perfil de Isabela e todo o esforço da família em encontrá-la, tomei conhecimento, após conversa com o irmão da Isabela Tainara, Israel Faria, que as dezenas de publicações foram frutos do esforço de todos os envolvidos. A mídia buscou novidades em plantões, a família procurou a mídia e a comunidade se envolveu (desempenhou um papel fundamental na divulgação) exigindo todos os dias que o caso não fosse esquecido. Ações que juntas, foram fundamentais para a publicação massiva do assassinato. Como a participação e opinião do leitor foram consideradas fundamentais para que o caso permanecesse em pauta, as notícias influenciaram nos receptores – hipótese da *agenda setting* – este estudo merece uma atenção e estudo direcionado em futuras pesquisas.

6 Referências

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue*: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Sumus, 1995. p.53-64

BIRD, S. Elizabeth e DARNENNE, W. Robert. Mito, registro e 'estórias': explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e "Estórias"*. 2ed. Lisboa: Veja, 1999. p.263-277

CONTRERA, Malena Segura. *Mídia e Pânico*, Saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo, Annablume: Faesp, 2002. p.87-102

KATZ, Elihu. Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e "Estórias"*. 2ed. Lisboa: Veja, 1999. p.52-60

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia*, análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das Musas, 2005

MOTTA, Luiz G. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In PORTO, Sérgio Daurell; MOURILLAUD, Maurice (org) *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília:UnB, 2002. p.305-317.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In PORTO, Sérgio Daurell; MOURILLAUD, Maurice (org) *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília:UnB, 2002. p.29-35

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*, princípios e procedimentos. 6ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e "Estórias"*. 2ed. Lisboa: Veja, 1999. p.167-176.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*: porque as notícias são como são. 2ed. V.1 Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. V.2. Florianópolis: Insular, 2005. p.61-101.

TUCHMAN, Gaye. Contando “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “Estórias”*. 2ed. Lisboa: Veja, 1999. p.258-262

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência e práticas discursivas. In PEREIRA, Carlos M. et al. (org) *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.145-162

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia. 2ed. São Paulo: Loyola, 2002, p.231-244.

WOLF, Mauro. *Teorias de comunicação*, Lisboa: Presença, 1999.

Entrevistas

SALLUM, Samanta. (editora do caderno cidades) Cobertura do caso Isabela Tainara. Brasília, 2007. Entrevista concedida à Mônica Harada

FARIA, Israel. (Irmão de Isabela Tainara) Cobertura do caso Isabela Tainara. Brasília, 2007. Entrevista concedida à Mônica Harada

MARPLAN. Pesquisa sobre o perfil do público leitor do Correio Braziliense, dados consolidados. Brasília, 2006. Dados cedidos à Mônica Harada (2007) pelo Departamento de Marketing do Correio Braziliense

Artigo

COSTA, Gustavo; MOTTA, Luiz; LIMA, Jorge. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v.27, n.2, p.31-52. jul/dez. 2004.

VENERA, José Isaias. O movimento do signo violência na estética da mídia massiva. *Contrapontos: Revista de educação da Univali*, v.5, n.2, p.283-291. Mio/ago. 2005

Jornais

Edições publicadas pelo Correio entre 22 de maio e 14 de setembro de 2007

Anexos

Anexo A – Cabeça de jovem é achada em matagal. (29/06/2007)

Primeiro capítulo do caso após a comprovação da morte de Isabela Tainara

Anexo B – Isabela, 14 anos. Um crime bárbaro, três suspeitos. A família/ a comoção / as vítimas. (30/06/2007)

Elementos da narrativa nos títulos

Anexo C – Caso Maria Cláudia: A vítima / os amigos. (14/12/2004)

Elementos da narrativa nos títulos

Anexo D – Outros dramas. (30/06/2007)

Contextualização do caso. Ativa a memória do leitor sobre casos semelhantes.

Anexo E – Novos personagens. (05/07/2007).

Elementos da narrativa

Anexo F – Laudo não apontará a causa da morte. (04/07/2007).

Informação com a falta de notícias relevantes que se repete no mês seguinte

Anexo G – Laudo sem a causa da morte. (04/08/2007)

Informação com a falta de notícias relevantes que se repete no mês anterior

Anexo H – Três meses de dor e incertezas. (14/08/2007)

Período de repercussão do caso no *Correio Braziliense*

CABEÇA DE JOVEM É ACHADA EM MATAGAL



A polícia encontrou no final da tarde de ontem uma cabeça que pode ser de Isabela Tatiana Faria, 14 anos. Ela desapareceu no Sudeste em 14 de maio. Uma ligação anônima indicou um matagal de Saranhata como o local onde estaria a parte do corpo. Chamado pela polícia, um camião de Isabela, identificado como Gleisson (de camisa listrada), se desespertou ao ver o crânio.

References

ACUSADO DE CORRUPÇÃO CHEFIA TROPA DE RENAN

Na tentativa de escapar a qualquer custo do processo que pode levar a cassação de seu mandato, Renan Calheiros passou o rolo compressor sobre o Conselho de Ética. Ajudado pelo governo, ele pôs para presidir o colegiado um senador igualmente sob suspeita: Leonar Quintanilha, investigado pelo STF em inquérito no qual PF e o Ministério Público o acusam de lavagem de dinheiro, corrupção e formação de quadrilha. A primeira missão de Quintanilha, caso permaneça no cargo, será encontrar um relator disposto a livrar Renan do processo.

TRAN. SOC. COSTA RICANA 1973



RORIZ ROMPE SILÊNCIO E SE EXPLICA NO SENADO

Diante de um plebiscito com apenas 17 emendas, Ponto apela para o apoio da Câmara por duas vezes e o resultado do primeiro diagnóstico foi negativo. Depois de considerável apoio da CBJ, o Conselho com o apoio presidente da SBB, Tarciso Araújo de Moraes, finalmente se tentou de um compromisso de 200,3 mil por ano com o pagamento de 10 mil. Entretanto, o Conselho de Conselho de Conselho, Paulo Tava, resolveu a dizer que a situação é muito complicada. E o PBT resolveu a mesma coisa, com o apoio a abertura de processo contra o senador da DF.

HÄLLBERG & H.

CONSTRUÇÃO DE USINA DE ETANOL NO DISTRITO FEDERAL ATRAI INVESTIDOR

04/20/04 9:00

11 DEPUTADOS
ASSASSINADOS
NA COLÔMBIA

Fare un'analisi accurata dell'opinione degli italiani nel 2002. E se teniamo conto del fatto di averci dato una grossa Presidente. Un'analisi accurata e completa di un'analisi.

InfoWeek, 19

FIMDESEMANA

Diretta da a revista // Tachas colubinas em shopping e
diversos restaurantes são um convite à gula. No entanto,
mesas com comida quente e muito delícia.

Copyright © 2004 by John Wiley & Sons, Inc.



VIVER BEM

Suplemento especial oferecido
para quem quer
conhecer mais sobre os
cursos de JBR



MUDA TUDO

**CRUZA VNU MEXER
DA DEFEZA AO ATACAR**

Andarson, Momo e Daniel Wozniak devem entrar no time que enfrenta o Chile domingo pela Copa América. Em estreia amadora, o argentino goleou o ECU, venceu, por 3 a 1.

[illegible]

ASSISTÊNCIA PARA OBESOS É AMPLIADA

Correspondencia:
Dr. Juan Carlos Rodríguez
Calle de la Universidad 10
41013 Sevilla, España
Tel.: 954 261 000
Fax: 954 261 000
E-mail: jcarlos@us.es

1000000



CLASSIFICADO: 3342.1000 - ASSINATURA/ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1111 - assinatura@corremat.com.br - www.corremat.com.br/assinatura - CENTRO GERAL: 334.1100

VEICULO

Revista: Correio Braziliense
19 de agosto de 2017
www.correiobraziliense.com.br

CORREIO BRAZILIENSE

COMPLAUS DE ASSINANTE

11111111111111111111

11111111111111111111

11111111111111111111



ISABELA, 14 ANOS. UM CRIME BÁRBARO, TRÊS SUSPEITOS

PERÍCIA MOSTRA QUE GAROTA DESAPARECIDA LOGO APÓS SAIR DE CURSO DE INGLÊS, EM 14 DE MAIO NO SUDOESTE, FOI ASSASSINADA HÁ MAIS DE 40 DIAS



Tudo partiu de lá. Inclusive um teste de DNA, após exames de laboratório e a análise e o corpo em decomposição encontrada meses depois (foto acima) em São Mateus do Sul, município de Santa Catarina. A jovem, desaparecida desde 14 de maio, após sair de curso de inglês no Sudoeste. "Poderemos afirmar com 100% de certeza que o corpo é dela", diz o delegado Cláudio Machado, diretor-geral da Polícia Civil no CDS.

Até então não se conheciam os detalhes e nem mesmo sobre violência sexual ou de que forma foi morta. Isso só foi revelado com a conclusão do exame cadavérico, entre 10 e 20 dias, quando o corpo deve ser liberado para o enterro. A polícia informou que a investigação está avançada. Mas o CDS afirma que não possui nenhuma pista concreta da morte, incluindo possíveis suspeitos, tampouco a data da morte.

A FAMÍLIA // "A AGONIA DE PROCURAR POR ELA TERMINOU, MAS FICO IMAGINANDO O QUE COISA HORROROSA FIZERAM COM MINHA FILHA", DIZ O PAI

A COMOÇÃO // MAIS DE 500 MENSAGENS SÃO ENVIADAS AO SITE CRIMÓD POR PARENTES DE ISABELA PARA ENCONTRAR A JOVEM ASSASSINADA

AS VÍTIMAS // ANA LÍDIA, MICHELLE, MARIA CLÁUDIA, LETÍCIA. OS CRIMES VIOLENTOS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE CHOCARAM BRASÍLIA



O CRIMÓDIO DE FAMILIA, CUSTO, E O PAI, DOROSA, VIVIAM IDENTIFICAR O CORPO. O POLÍCIA DO SUDOESTE NÃO HUBERA RESOLVIDO ISSA ENCONTRADA POR DO CORPO DA ADOLESCENTE DE SANTA CATARINA, DO SUDOESTE, O PAI, MATEUS, DIZ, CHAMA

TEM DO DIA, DIZENDO QUE SE CONFINA EM CASA, AGORA SE

PASSAGENS SÃO REAJUSTADAS

Setor Intermodal de Aviação
está com a tarifa de passagem
R\$ 1, em São Paulo, com
custo de R\$ 3 para R\$ 2,50.
19/08/2017 16

É CAMPEÃO!

Os jogadores do Flamengo
são campeões da Copa
do Brasil. O time venceu o
Fluminense por 2 a 1 no
estádio do Maracanã.
19/08/2017 16



RENAN E RORIZ: DOIS DESTINOS NO SENADO

ALIBIS DO ALACORIO TERIAM RESTRANGLADO REVELADOS NO CONSELHO
DE ÉTICA. EX-GOVERNADOR E EX-DEPUTADO PODEM FICAR PROIBIDOS
DE EXERCER FUNÇÕES PÚBLICAS
19/08/2017 16

GOVERNO FACILITA PARA SACOLEIROS

Secretaria Federal simplifica regras
para facilitar o comércio e
importar mercadorias
legítimas do Paraguai.
19/08/2017 16



CLASSIFICAÇÃO: 3342-1000 - ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LECTOR: 3342-1111 - assinatura@correiobraziliense.com.br - www.correiobraziliense.com.br/assinatura - GRETA GERAL: 3214-1111



CASO ISABELA

OUTROS DRAMAS

QUATRO CASOS, ENVOLVENDO CRIANÇAS E JOVENS, ABALARAM BRASÍLIA

ISABELA
O DIA DO CASO

A morte de Isabela, de 14 anos, ocorreu em 1998, em Brasília. Ela foi encontrada morta por falta de proveito. Ana Lúcia morreu em 1973 quando tinha sete anos. Seu corpo foi en-

contrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

Colpida a cabeça
O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

Em 2004, o corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

Em 2005, o corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

ANA LÚCIA BRAGA

Uma menina de 7 anos, filha de um casal de brasileiros, morreu de causas desconhecidas em 1973, em Brasília. Ela foi encontrada morta por falta de proveito. Ana Lúcia morreu em 1973 quando tinha sete anos. Seu corpo foi en-



11 DE SETEMBRO DE 1973

ANA LÚCIA BRAGA, FILHA DE UM CASAL DE BRASILEIROS, MORREU DE CAUSAS DESCONHECIDAS. O CORPO FOI ENCONTRADO NO RIO SÃO JOÃO, EM BRASÍLIA.



10 DE JULHO DE 1998

MICHELLE OLIVEIRA BARBOSA, FILHA DE UM CASAL DE BRASILEIROS, MORREU DE CAUSAS DESCONHECIDAS. O CORPO FOI ENCONTRADO NO RIO SÃO JOÃO, EM BRASÍLIA.



9 DE DEZEMBRO DE 2004

MARIA CLÁUDIA STOLEIRA DEL'ISOLA, FILHA DE UM CASAL DE BRASILEIROS, MORREU DE CAUSAS DESCONHECIDAS. O CORPO FOI ENCONTRADO NO RIO SÃO JOÃO, EM BRASÍLIA.



15 DE JUNHO DE 2005

LETÍCIA MENDONÇA SILVA, FILHA DE UM CASAL DE BRASILEIROS, MORREU DE CAUSAS DESCONHECIDAS. O CORPO FOI ENCONTRADO NO RIO SÃO JOÃO, EM BRASÍLIA.

MICHELLE DE OLIVEIRA BARBOSA

Ela foi encontrada morta por falta de proveito. Michelle morreu em 1998, em Brasília. Ela foi encontrada morta por falta de proveito. Michelle morreu em 1998, em Brasília.

Em 1998, o corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília. O corpo da jovem foi encontrado no rio São João, em Brasília.

LEIA CORRÊIO

Como se prevenir da hipertensão, doença que leva 1 milhão de brasileiros à emergência por ano

CORREIO BRASILENSE
O JOURNAL CAPITAL

18 • São Paulo, quinta-feira, 1 de julho de 2007 • CORREIO DA MANHÃ

CIDADES/TEMA DO DIA



CASO ISABELA

Empregada da família da estudante morta e jovem desconhecido, que acompanhou missa em memória da vítima e sepultamento, prestaram depoimentos à polícia ontem

PRIMEIRA-PAZ
E OUTROS TEMAS
DO DIA

Dois jovens, uma menina e um rapaz, foram encontrados mortos em uma casa de aluguel no bairro de Ipiranga, na zona sul de São Paulo. A jovem, Isabela Ferreira, tinha 19 anos e estava grávida. O rapaz, cujo nome não foi revelado, tinha 21 anos. Os dois foram encontrados mortos em uma casa de aluguel no bairro de Ipiranga, na zona sul de São Paulo. A jovem, Isabela Ferreira, tinha 19 anos e estava grávida. O rapaz, cujo nome não foi revelado, tinha 21 anos.

Além disso, dois corpos de vítimas foram encontrados em uma casa de aluguel no bairro de Ipiranga, na zona sul de São Paulo. A jovem, Isabela Ferreira, tinha 19 anos e estava grávida. O rapaz, cujo nome não foi revelado, tinha 21 anos.

A primeira vítima encontrada foi a jovem Isabela Ferreira, de 19 anos, que estava grávida. Ela foi encontrada morta em uma casa de aluguel no bairro de Ipiranga, na zona sul de São Paulo.

No local, ainda, uma segunda pessoa chegou sob o nome de polícia. Um jovem chegou, vestido com uma roupa escura, e foi levado para o hospital. Ele estava com ferimentos graves e não pôde ser identificado.

Os policiais e a equipe médica não conseguiram identificar as vítimas. Eles estão trabalhando para encontrar mais informações sobre o caso e identificar as vítimas.

Investigadores da polícia estão trabalhando para encontrar mais informações sobre o caso e identificar as vítimas.



COMPROVAÇÃO DE TRÁFEGO NA VIA PARA IDENTIFICAR O JÓVEM DA MORTALIDADE



INVESTIGANDO O CASO, IMPRONTAS DE DADOS DE ISABELA NO CASO

LABORATÓRIO É A ESPERANÇA

PRIMEIRA-PAZ
E OUTROS TEMAS
DO DIA

A Polícia Civil está esperando mais uma vez a tecnologia moderna de prova para o caso da jovem Isabela Ferreira. Depois de mais de 24 horas, a polícia não conseguiu identificar o corpo da jovem. A polícia está esperando a tecnologia moderna de prova para o caso da jovem Isabela Ferreira.

A polícia está esperando a tecnologia moderna de prova para o caso da jovem Isabela Ferreira. Depois de mais de 24 horas, a polícia não conseguiu identificar o corpo da jovem. A polícia está esperando a tecnologia moderna de prova para o caso da jovem Isabela Ferreira.

Os dois corpos encontrados em uma casa de aluguel no bairro de Ipiranga, na zona sul de São Paulo. A jovem, Isabela Ferreira, tinha 19 anos e estava grávida. O rapaz, cujo nome não foi revelado, tinha 21 anos.

Os dois corpos encontrados em uma casa de aluguel no bairro de Ipiranga, na zona sul de São Paulo. A jovem, Isabela Ferreira, tinha 19 anos e estava grávida. O rapaz, cujo nome não foi revelado, tinha 21 anos.

Os dois corpos encontrados em uma casa de aluguel no bairro de Ipiranga, na zona sul de São Paulo. A jovem, Isabela Ferreira, tinha 19 anos e estava grávida. O rapaz, cujo nome não foi revelado, tinha 21 anos.

A INVESTIGAÇÃO

PERÍCIAS

Cadê o corpo? É o que a polícia quer saber. E a resposta pode vir de um lugar inesperado.

ENTOMOLOGIA FORENSE

Um corpo sem vida pode ser encontrado em qualquer lugar. E a polícia quer saber onde ele está. É a entomologia forense que ajuda a encontrar o corpo.

EXAMES DE CAMPO

Quando um corpo é encontrado em um local, a polícia quer saber onde ele está. É a entomologia forense que ajuda a encontrar o corpo.

LAUDO CADEVERÁRIO

Quando um corpo é encontrado em um local, a polícia quer saber onde ele está. É a entomologia forense que ajuda a encontrar o corpo.

INQUÉRITO

Quando um corpo é encontrado em um local, a polícia quer saber onde ele está. É a entomologia forense que ajuda a encontrar o corpo.

MARCO ANTONIO DE LACERDA

MISSA DE 7º DIA

A esposa Regina, suas filhas: Daniela Holland, Renata Gomes, Karina Holland, e sua filha mais velha e irmã adotada de Marco Antonio de Lacerda, a mãe adotada de Marco Antonio de Lacerda, a mãe adotada de Marco Antonio de Lacerda.

JOSÉ CARDOSO DA SILVA

3 ANOS DE SAUDADE

Você retornou aos braços de Deus mas deixou eternas saudades.

A família, Edna, Simon e Taynah.

COLABORADOR: MARCELO LACERDA

CIDADES

CASO ISABELA

Peritos do IML que examinaram o corpo da adolescente assassinada em Samambá não conseguem descobrir como ela morreu nem se houve violência sexual devido ao avançado estado de decomposição

Laudo sem a causa da morte

REDAÇÃO
DE LUCAS GUIMARÃES

O laudo da necropsia ao corpo da adolescente Isabela Soares Faria, 14 anos, levou pouco mais de um mês e meio para ser concluído, mas o perito médico legista não conseguiu identificar a causa da morte da jovem nem se ela sofreu violência sexual. A conclusão de peritos especializados na necropsia, porém, que se realizou no Instituto de Medicina Legal (IML), ocorreu em 14 de maio. O laudo, assinado pelo chefe de Medicina Legal, garante que o corpo não sofreu violência sexual, mas o perito não conseguiu identificar a causa da morte da jovem nem se ela sofreu violência sexual. A conclusão de peritos especializados na necropsia, porém, que se realizou no Instituto de Medicina Legal (IML), ocorreu em 14 de maio. O laudo, assinado pelo chefe de Medicina Legal, garante que o corpo não sofreu violência sexual, mas o perito não conseguiu identificar a causa da morte da jovem nem se ela sofreu violência sexual.



POICIAIS ENCONTRAM A CORPO DA MENINA NO NOTURNO DE 20 DE MARÇO, EM SAMAMBÁ, EM SAMAMBÁ



CAROLINA MOREIRA NO NOTURNO DO RECONHECIMENTO EM 14 DE MARÇO

acostumada, Isabela não sabia que estava sendo fotografada. Ela estava com a mãe, que estava com ela no momento da morte. Ela estava com a mãe, que estava com ela no momento da morte. Ela estava com a mãe, que estava com ela no momento da morte.

IML, para os familiares com a conclusão de que a causa da morte é desconhecida. Isso não impede a conclusão de que a causa da morte é desconhecida. Isso não impede a conclusão de que a causa da morte é desconhecida.

detalhes. Não é possível determinar o tipo de violência sexual, afirma o perito.

Isabela foi encontrada no dia 20 de março, depois de sair de casa de madrugada, no município de Samambá. Em 21 de junho, depois de uma denúncia anônima, a Polícia Civil encontrou o corpo da adolescente em um campo de futebol em Samambá. No dia seguinte, o corpo foi levado para o IML.

Na primeira fase, a polícia tentou identificar a causa da morte da adolescente. No entanto, devido ao avançado estado de decomposição, não foi possível determinar a causa da morte. A polícia também não conseguiu identificar se houve violência sexual.

A INVESTIGAÇÃO

A apuração do assassinato de Isabela Soares Faria, 14 anos, ocorreu em um período de quatro dias, desde que a adolescente desapareceu no Samambá em 14 de março.

ANACRÍTICA

O crime A polícia encontrou o corpo da adolescente Isabela Soares Faria, 14 anos, em um campo de futebol em Samambá, em 21 de junho. O corpo estava em um estado de decomposição avançado.

Dados Depois da análise de laboratório, os peritos do Instituto de Medicina Legal concluíram que o corpo não sofreu violência sexual.

acostumada ao dia e noite, ela não sabia que estava sendo fotografada. Ela estava com a mãe, que estava com ela no momento da morte.

Peritos Três médicos de medicina legal, peritos médicos legistas, concluíram que o corpo não sofreu violência sexual. A conclusão foi baseada em exames de laboratório.

AS DÚVIDAS

A causa da morte O laudo da necropsia, feito pelo Instituto de Medicina Legal, é conclusivo. O perito não conseguiu identificar a causa da morte da adolescente.

Isabela foi encontrada no dia 20 de março, depois de sair de casa de madrugada, no município de Samambá. Em 21 de junho, depois de uma denúncia anônima, a Polícia Civil encontrou o corpo da adolescente em um campo de futebol em Samambá.

O assassinato A polícia não conseguiu identificar a causa da morte da adolescente. O corpo estava em um estado de decomposição avançado.

O crime Isabela foi encontrada no dia 20 de março, depois de sair de casa de madrugada, no município de Samambá. Em 21 de junho, depois de uma denúncia anônima, a Polícia Civil encontrou o corpo da adolescente em um campo de futebol em Samambá.

Isabela foi encontrada no dia 20 de março, depois de sair de casa de madrugada, no município de Samambá. Em 21 de junho, depois de uma denúncia anônima, a Polícia Civil encontrou o corpo da adolescente em um campo de futebol em Samambá.



ISABELA SOARES FARIA, 14 ANOS, EM 20 DE MARÇO DE 2011

O laudo da necropsia, feito pelo Instituto de Medicina Legal, é conclusivo. O perito não conseguiu identificar a causa da morte da adolescente.

ESTAS OFERTAS SLAVIERO SÃO PRA LEMBRAR QUE O DIA DOS PAIS ESTÁ PERTO.

<p>Fiesta Hatch 1.0 Flex R\$27.990,00</p> <p>Ar-Condicionado, Direção Hidráulica e Transmissão Manual</p>	<p>Fiesta Sedan 1.6 Flex R\$40.490,00</p> <p>Ar-Condicionado, Direção Hidráulica e Transmissão Manual</p>	<p>Ford Fusion Taxa de 0,99%</p> <p>Ar-Condicionado, Direção Hidráulica e Transmissão Manual</p>
<p>EcoSport XLS 1.6 Flex R\$CONFIRA!</p> <p>Ar-Condicionado, Direção Hidráulica e Transmissão Manual</p>	<p>Courier 1.6 Flex R\$27.900,00</p> <p>Ar-Condicionado, Direção Hidráulica e Transmissão Manual</p>	<p>Ranger 2.3 XLS 4X2 R\$56.900,00</p> <p>Ar-Condicionado, Direção Hidráulica e Transmissão Manual</p>

905 Sul - 2104.0044 | SIA Trecho 1 - 2190.4444 | www.slaviero.com.br
GARANTIMOS SEMPRE O MELHOR NEGÓCIO.
 Ford Slaviero Brasil desde 1960

